



## A Transparent Mask

The film *O Ornitólogo* [The Ornithologist], by João Pedro Rodrigues (2016), is one of the most recent examples of the cultural impact that the masked men figures have had on artistic production, especially those whose DNA, for family or genealogical reasons, is embedded in the origins of and affiliations with the regions. Heritage entails a symbolic and emotional dimension that could be enough to justify the use of certain topics. However, an ethnographic and cultural universe as rich as the one found in Trás-os-Montes goes well beyond what could be regarded as plain cultural background. It is primarily a visceral dimension greater than the historical dimension of the country's formation, the development of the language and of religious power that materialises as a unique social force represented by distinct icons: the Mirandese language, the Festas dos Rapazes [the Boys Festival] and the masked men.

One would think that the magnitude and weight of these reasons would be enough to justify all new studies. Some paintings by João Vieira, one of the main Portuguese painters known for his visual poetry, portraying these masked men personify the region's cultural power, an aspect that one could say has always been present (the relationship between the painter's use of colour and the clothes worn by the masked men). Graça Morais is another example of this relationship. One could say it's almost inevitable! And so we come to Balbina Mendes, a painter born in Trás-os-Montes, permanently immersed in the Mirandese culture and who uses her painting to understand the legacy bequeathed to her and, in a way, to understand herself. Balbina completed her Masters degree in Painting in 2017 at the Faculty of Fine Arts, University

## Uma Máscara Transparente

O filme *O Ornitólogo*, de João Pedro Rodrigues (2016), é um dos mais recentes exemplos do impacto cultural das figuras dos caretos na produção artística, sobretudo daqueles que, por razão familiar ou genealógica, percebem no seu ADN as origens e afiliações com a região.

A herança acarreta uma dimensão simbólica e emocional que poderia ser suficiente para justificar o recurso a determinados temas. Contudo, a riqueza de um universo etnográfico e cultural como aquele que a região de Trás-os-Montes nos oferece vai muito além do que se poderia considerar como uma simples bagagem cultural. Trata-se, principalmente, de uma dimensão visceral que ultrapassa a dimensão histórica da formação do país, da construção da língua e da potência religiosa, para se evidenciar como uma singular força social de que o Mirandês, as Festas dos Rapazes e as figuras dos caretos, são distintos ícones.

Será de pensar que razões destas têm dimensão e peso suficiente para se justificar todos e quaisquer novos estudos. João Vieira, um dos principais autores da pintura nacional, conhecido pelas suas poesias visuais, realiza algumas séries de obras sobre os caretos, assumindo a potência cultural da região em si. Talvez fosse possível interpretar que isso sempre aconteceu (a relação cromática da obra do pintor com as vestes dos caretos). Graça Morais é um outro exemplo desta relação. Pode-se dizer que é quase uma inevitabilidade!

Assim chegamos a Balbina Mendes, transmontana de origem, habitante permanente da cultura mirandesa, autora que, através da pintura, procura compreender a herança que lhe entregaram e, em certa medida, compreender-se a si mesma. Finalizado, em 2017, o Mestrado em Pintura, pela

Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, em que tive o prazer de colaborar, Balbina assume, ali, em contexto académico (o que emerge, da forma mais humilde possível e lhe fora transmitido), a sua própria origem, a sua condição de transmontana. Em certa medida, estava-se perante um conflito entre uma relação geracional e o estudo científico, a que a autora não só se expunha, mas em que também se descobria. Tratou-se de um processo de atuação antropológico, arqueológico, sociológico e simbólico, onde a arte ia absorvendo e colaborando.

Em *O Rosto e a Máscara*, exposição que apresenta parte da investigação levada a cabo por Balbina, encontramos o diálogo entre a exposição pessoal e a descoberta de novos dados sobre uma vivência para que agora se olhava de modo académico e cirúrgico.

O rosto é, também, a máscara que se expõe duplamente e em simultâneo, em que a autora é, também, visada. Desta forma, este trabalho é diferente de qualquer outro que Balbina Mendes tenha realizado, porque não estamos, apenas, perante uma exposição sobre um tema, inclusive frequente na sua carreira. Estamos perante as provas de um enorme desafio, o de se responder objetivamente a uma leitura e interação com um assunto tão denso e tão pessoal, tornando-se voyeur de si e do seu território físico e simbólico, invadindo, expondo e desmontando o que lhe foi dado a preservar. Percebe-se, então, que tudo se torna visceral e filosófico, ultrapassando a estética e a investigação em curso. Percebe-se, ainda, que o caminho já não passa pela simplicidade formal de nos colocarmos por detrás de qualquer máscara, como muitas das suas personagens anteriores, mas de colocar o Rosto ao nível da Máscara, e da Máscara ao nível do Rosto.

E se temos a possibilidade de atuar como voyeurs desta exposição, não é tão certo que possamos ficar indiferentes ao que ela apresenta e representa. As pinturas são camufladas por uma «máscara» de vidro acrílico, a que, superficialmente, se poderia designar apenas como outra máscara, que atua como um potente interveniente sobre o espetador. O vidro transparente, onde estão serigrafados imagens ou textos é, acima de tudo, um espelho, levando o espetador para o interior da pintura. Ao mesmo tempo, a imagem permite aceder a partes de rostos existentes por trás da película, convidando-nos a entrar, a procurar receber a identidade de cada uma das figuras, para,

of Porto, one in which I was most pleased to collaborate, and in that academic context she embraces (in a clearly humble manner as had been conveyed to her) her own origin, her Trás-os-Montes status. To some extent, the process tapped into the conflict between generational relationship and scientific study, one to which the painter was exposed and, at the same time, in which she found herself. It was an anthropological, archaeological, sociological and symbolic process absorbed by art and wherein art played an active part.

The exhibition *O Rosto e a Máscara* *The Face and the Mask* showcases part of the research conducted by Balbina and brings to view the dialogue between personal exposure and the finding of new information on life experience, one which we now look at in an academic and surgical manner.

The face is, also, the mask exposed twice and simultaneously, where the author is also the target. Hence, this work is different from any other developed by Balbina Mendes, because what we see is not simply an exhibition focused on a theme, which we have often seen throughout her career. This is the result of the huge challenge to respond objectively to the reading of and interaction with such a difficult and personal subject, becoming a voyeur of herself and of her physical and symbolical territory, pervading, exposing and taking apart what she was given to preserve. We realise that it all becomes visceral and philosophical, going beyond the aesthetics and ongoing research. We also realise that this is much more than simply placing ourselves behind any mask, as did many of her previous characters, but to rather place the Face at the level of the Mask, and the Mask at the level of the Face.

Though we are able to act as voyeurs of this exhibition, we cannot remain indifferent to what is presented and represented therein. The paintings are camouflaged by an acrylic glass "mask", which could, at first glance, be considered as another mask that interacts in a powerful way with the onlooker. The transparent glass printed with imagery and texts is, first and foremost, a mirror that draws the onlooker into the painting. At the same time, the imagery gives us glimpses of parts of faces behind the acrylic film, inviting us in, leading us to identify each of the figures, while in the next breath we feel as if it is

throwing us out. At times, her works seem to touch upon the mystery behind the mask of those who participate in the *Festas dos Rapazes* [the Boys' Festival] or of the masked men, but at the same time they push us beyond the reflection in the mirror, drawing us to our own face, forcing us to put on the mask or inviting us to take it off.

From here on, we are faced with the dilemma that the author herself faced: to understand how far we are capable of analysing our own origins and its strengths and, just as the author herself did, to understand whether we will be able to confront that heritage, study it and interact with it, running the risk of understanding that the more we wish to unfold, the more exposed we will feel and, as such, the more humble and unprotected we will be. We will, therefore, be unable to distinguish the face from the mask, for they are exactly the same.

Noting the immense amount of work required in this task by the author, which she successfully achieved, our question then is: Are we, too, capable of doing it?

logo de seguida, sentirmos que nos expulsa. Por momentos, as obras parecem aludir ao mistério existente por trás da máscara dos participantes das Festas dos Rapazes, mas, paralelamente, expulsam-nos para lá do espelho, enviando-nos para o nosso próprio rosto, obrigando-nos a colocar a máscara ou convidando a que a tiremos.

Doravante, estamos perante o dilema com que a autora se deparou: o de perceber até onde somos capazes de analisar as nossas próprias origens e as forças que elas possuem. E se seremos capazes de, como a autora o faz, confrontar essa herança, estudá-la e com ela interagir. Correndo o risco de perceber que quanto mais se ambiciona descobrir mais expostos nos vamos sentindo e, como tal, mais humildes e desprotegidos. Ficamos, então, sem possibilidade de distinguir o rosto e a máscara, pois são exatamente o mesmo.

Fica, então, a questão, salientando o imenso esforço a que tamanha tarefa obrigou a autora, com sucesso: – Seremos nós, também, capazes de o fazer?

Domingos Loureiro

Professor Coordenador da Secção de Pintura da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

Coordinating Professor of the Painting Section of the Faculty of Fine Arts of the University of Porto